

Breves comentários sobre o filme *A chave de Sarah*

*Maria Lúcia Fradinho**

Quando estávamos prestes a iniciar mais uma série, um ano de **Psicanálise e Cinema**, essa proposta foi interrompida pela chegada da Covid19. Um real que irrompeu e nos deixou, de imediato, com muitas restrições. Desde então, algumas destas já foram vencidas e este evento pode enfim acontecer, na modalidade *on-line*. Esse contexto, faz sentido ser citado, pois há algo dele que conversa com o filme.

O nosso filme de hoje, *A chave de Sarah*, foi escolhido pelo aniversário de 100 anos da segunda teoria pulsional, onde Freud nos apresentou a dualidade vida x morte. Um filme sobre a *shoah*, a violência sofrida por judeus imposta pelo nazismo. Curiosamente, temos nos dias de hoje, outra guerra que nos assusta. O Real assusta.

A chave de Sarah, é um filme que nos apresenta a crueldade e o amor, em toda a sua brutalidade e delicadeza entrelaçadas. Assim também é o movimento pulsional humano, nas relações interpessoais ou intrapessoais.

Dentro da proposta de articular psicanálise e cinema, este filme nos conduz a inúmeras possibilidades. Farei alguns recortes que se articularão com os dos colegas.

De início, gostaria de contextualizar, mesmo que de forma breve, estes acontecimentos. Afinal, somos todos estruturados na nossa e pela nossa cultura. Isto nos ajuda a pensar com Freud. Diante de uma derrota sofrida pela França em 1940, o governo francês procurou trégua e assim foi assinado um armistício em 22/06/1940. Com isto, criou-se a zona ocupada (norte e oeste da França), comandada por um marechal francês (Philippe Pétain), que era subordinada diretamente aos alemães. A zona livre, controlada pelo governo de

* Membro psicanalista da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro (SPCRJ). Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Vichy, foi ocupada em 1942. O rumo à liberdade só teve início em 6 de junho de 1944, com o dia D e a Batalha da Normandia. Paris foi libertada em 25/08/1944.

Curiosidade: Em 1941 foi feito um concurso de charges antisemitas, apoiado pelo Terceiro Reich e promovido pelo jornal *Je suis partout*. Bancos e indústrias estrangeiras se utilizavam da exploração da economia francesa em campos de concentração. A França também se envolveu em crimes de guerra na Argélia, semelhantes aos do nazismo.

A guerra

Em julho (dias 16 e 17) de 1942, quase 14.000 parisienses foram levados pela polícia francesa para o Velódromo de Paris (Velódromo de Inverno) por serem judeus. Muitos eram crianças. O episódio foi chamado de *Razia do Velódromo de Inverno* e foi decorrência de um acordo entre as autoridades francesas e a Gestapo. Este foi o maior aprisionamento de judeus ocorrido na França durante a Segunda Guerra Mundial. As condições, como vimos no filme, eram péssimas: não havia água, comida nem banheiros. As pessoas eram mantidas num ambiente sem as menores condições de alimentação e higiene. Situação desesperadora e humilhante. Muitos foram levados a atos de desespero.

Em seguida, foram transportadas para o campo de deportação de Drancy, que ainda ficava próximo a Paris. Lá as crianças (mais de 6.100) foram separadas dos pais. Daí sim, seriam levados para Auschwitz para trabalhar e/ou morrer. Adultos seguiam para o trabalho e as crianças para as câmaras de gás. Algumas crianças conseguiam fugir e eram acolhidas por famílias de fazendeiros.

Novas pesquisas indicam que em torno de 77.000 judeus foram deportados da França para campos de concentração nazistas.

As pessoas (franceses judeus ou não judeus) observavam nas ruas ou de suas casas as detenções violentas e arbitrárias pela polícia francesa. Vizinhos desapareciam. As reações eram as mais diversas: solidariedade, indiferença ou até mesmo satisfação (gozo).

Ao mesmo tempo, o episódio do Velódromo, marcou um ponto de virada, pois originou reações que abriram as portas para a oposição a tamanha violência. Foram criadas redes de salvamento para crianças, o que resultou na sobrevivência de 80% das crianças judias de Paris.

Em 27 de janeiro de 1945, o exército soviético chegou aos campos de concentração de Auschwitz e Birkenau, libertando milhares de prisioneiros.

Aquela pista de corridas de bicicletas tornou-se marco de vergonha para os franceses, pela *razia*, assim como pela onda de prisões feitas por policiais franceses contra judeus e contra a Resistência (cidadãos franceses).

O Velódromo, próximo à Torre Eiffel, ficou de pé por quase cinquenta anos (1909-1959), mas ao final passou por um incêndio e teve que ser demolido.

Atualmente a França reconhece sua responsabilidade pelo Holocausto de judeus, a *shoah*.

Com isto, um novo passo é dado ao disponibilizar os arquivos da polícia de Paris em forma digital. Torna-se possível buscar quem denunciava, falava durante as ações policiais ou causava prisões. A história é desvendada. Mas, claro, muitas consequências, desdobramentos, podem ser esperados a partir daí. Por exemplo, alguns judeus denunciavam judeus porque eram submetidos a todo tipo de violência, inclusive tendo suas próprias famílias mantidas como reféns. Sob tortura, membros da resistência denunciavam companheiros. A regra é que, no terror generalizado, muitos falavam até o que não sabiam. O incomum e incrível é que existiram pessoas que não falavam e até mesmo arriscavam suas vidas para salvar seus semelhantes. No filme temos o casal que amparou Sarah e a criou como filha, mesmo sob o risco de morte.

Freud e a guerra

Freud passou pela Primeira Guerra Mundial e sofreu a violência da ascensão do nazismo, na Segunda Guerra Mundial.

Sua clínica suportou grande impacto (na Primeira Guerra), como o esvaziamento de pacientes, na medida em que a guerra, com seus desdobramentos, deixou a sociedade em precárias condições de sobrevivência.

Seus três filhos se alistaram e foram para o combate. Vários de seus colaboradores também foram convocados e o movimento psicanalítico teve que paralisar suas atividades de pesquisa e publicação. Com mais tempo livre, Freud se dedicou a escrever os fundamentos de sua metapsicologia. Nos sábados à noite (1915/1916), fazia palestras para médicos e leigos no auditório da Universidade de Viena. Daí o legado das 28 conferências introdutórias.

Numa carta à Lou Andreas Salomé (1975)

Não tenho dúvidas de que a humanidade sobreviverá até mesmo a esta guerra, mas tenho certeza de que para mim e meus contemporâneos o mundo jamais será novamente um lugar feliz. Ele é demasiado horrendo... Minha conclusão secreta sem-

pre foi: a mais elevada civilização atual se assenta numa enorme hipocrisia, conclui-se que somos organicamente inadequados a ela (p. 35).

Sua leitura da violência da guerra o fez escrever artigos, e repensar a teoria das pulsões. A dualidade pulsional sofre uma reviravolta e o dualismo passa a ser entre Eros e Thanatos, vida e morte. E isto o acompanha por toda a vida.

Como resultado, temos textos como *Mais além do princípio de prazer* (1920), *O mal-estar na civilização* (1929), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). Em *Reflexão sobre os tempos de guerra e morte* (1915) conclui que o progresso científico não abranda a violência, mas, pelo contrário, aperfeiçoa suas armas. E em *Por que a guerra?* (1932) nos diz que uma comunidade se mantém unida não só pelas identificações entre seus membros, mas pela força coercitiva da violência.

Em *Totem e tabu* (1913), originalmente, o que valia era a dominação pela força bruta do pai primevo. A violência está nas origens do humano, ela já estava presente no nascimento da civilização. Com um parricídio – o assassinato do pai primevo – se funda a sociedade enquanto civilização, desde a Lei de proibição do incesto. O pai morto possibilita a união do grupo, quando a lei passa a valer para todos. Mas logo, diante de diferenças ou oposições (de dentro ou de fora do grupo) a violência ressurge. “...de nada vale tentar eliminar as inclinações agressivas dos homens” (FREUD, 1932/1969, p. 254).

Édipo é uma trama onde há incesto e o assassinato do pai. Mas, assim como em *Totem e tabu* (1913), ambos são regidos pela interdição paterna.

Freud em *O mal-estar na civilização* (1930) nos fala que a civilização tem um obstáculo muito poderoso: a agressividade, a qual é ineliminável da estruturação humana. Dizia ele que há uma “maldade constituinte do humano”, que é própria da expressão da pulsão de morte. Desta forma, nossa cultura está fadada a uma luta entre vida x morte.

Mais recentemente, Marie Hélène Brousse nos diz: “...a violência é a civilização” (2015).

Dentro da proposta de articular psicanálise e cinema, este filme nos conduz a inúmeras possibilidades. É preciso fazer escolhas. Minha proposta é trazer alguns recortes da teoria num alinhavo com a história do filme, a fim de que possamos, juntos, no debate, fazer algumas costuras. Portanto, é um texto que não pretende unidade, mas reflexões sobre a trama.

Freud nos ajuda a pensar sobre tais questões. Lacan, como freudiano, trabalha em filigrana os ensinamentos do mestre.

O filme – *A chave de Sarah*

Este filme nos traz um drama ficcional dentro de uma realidade histórica. Seria algo que poderia ter acontecido. Ou ainda, representa simbolicamente o que as pessoas viveram neste episódio da história – suas perdas e desejos.

O primeiro foco de interesse recai sobre o título do filme, sobre o objeto guardado por toda a vida de Sarah – a chave. Foi com ela que trancou seu irmão no armário, numa tentativa de salvá-lo da brutalidade policial. Acreditava que voltaria para resgatá-lo. Este objeto funcionou como meta: deveria sobreviver, escapar, pois a vida de seu irmão dependia da sua própria. Ao retornar ao armário deparou-se com o horror inassimilável, os restos do irmão. A chave enquanto *objeto a*, resto. A chave foi o que restou do irmão, de toda a sua família, sua casa, sua história. Um objeto guardado por toda a vida, talvez para dar sentido (ou marcar o não sentido) à dor insuportável, sem palavras.

Nos diz Lacan: “Acaso não sabemos que nos confins onde a fala se demite começa o âmbito da violência, e que ela já reina ali mesmo sem que a provoquemos?” (LACAN, 1958/1988, p. 376).

O domínio da violência começa onde se rompe o pacto simbólico da palavra e a pulsão aparece como pura pulsão de morte.

Ao mesmo tempo, na fuga do campo de concentração, encontra um casal que arrisca a vida para protegê-la. Aqui temos clara a mescla pulsional de que Freud nos fala. Num ambiente de puro extermínio, entrelaça-se o amor. Sarah viveu no limite essas possibilidades. Foi acolhida e amada como filha e, já mulher, amada por um homem que se tornou seu marido e com quem teve um filho. Logo que a criança nasceu, procurou esconder sua origem, temendo por sua vida. Ela própria passou a utilizar o sobrenome dos pais adotivos. Escondeu o sobrenome de sangue, o nome do seu pai, pela sobrevivência. Uma fenda que nunca pode suturar, que a rasgou, rasgou o sentido da vida (que é sempre uma construção simbólica). Faltam palavras diante de uma experiência de tamanha selvageria.

Mergulhada em uma “dor que não passa”, arranca com o carro rumo à estrada para se lançar (rumo ao não-ser) diante de um caminhão, em alta velocidade.

A passagem ao ato é o momento de maior embaraço do sujeito que, se identificando com o objeto *a*, se precipita para fora da cena. A passagem ao ato está no limite entre o discurso e o real. O sujeito se precipita como objeto que cai.

Para Lacan só há ato onde a cadeia significante falha. Não há palavras que possam recobrir tamanho horror.

Não devemos esquecer que, aqui, as pessoas vítimas da *shoah* eram judeus franceses, presos por outros franceses. E mais, alguns guardas ou vigilantes nos campos de concentração também eram judeus. Não pretendo aqui fazer qualquer julgamento moral sobre este fato, até porque há muitas implicações nisso. É fato histórico. A vítima muitas vezes tinha como algoz um vizinho ou colega de trabalho. Assim, o seu igual no sofrimento era também quem o feria.

O suicídio é uma solução a um curto-circuito, onde o sujeito não se distingue do Outro, fica num lugar de interseção com o Outro. Com isto, fica identificado com o lugar de resto e sem intermediação com o Outro.

Freud nos diz que: “...nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico”.

Para Lacan, o ato suicida é o modelo do ato, paradigma do ato propriamente dito. Todo ato verdadeiro implica um “suicídio do sujeito”, marcando um antes e um depois. É uma transgressão na medida em que ultrapassa o simbólico, que infringe uma lei. No ato suicida há uma disjunção entre o ideal de bem-estar e algo que habita o sujeito e destrói sua vontade de gozo. Para Freud é o triunfo da pulsão de morte. Lacan diz que ele visa o cerne do ser, o gozo.

Outro ponto também é a culpa do sobrevivente. Sarah, ao final deixou seu irmão para trás, não pôde salvá-lo. Será que a chave não a lembrava constantemente do ato de proteção ao mesmo tempo que do “abandono”? Afinal, não foi esse o drama de milhares de pessoas, judeus que de alguma forma conseguiram sobreviver enquanto entes queridos pereceram?

Vale a pena citar Primo Levi, um dos maiores narradores da *shoah*. Muitos anos após sobreviver à guerra, em 1987, já com 67 anos, morreu ao se jogar do terceiro andar das escadas de seu prédio em Turim. Sabemos que a arte, a escrita, possibilita elaboração através do simbólico, uma releitura da dor. Mesmo após escrever e publicar uma vasta obra, sucumbiu à memória do Holocausto. Não pode superar o que foi traumático. Lacan ao criar o termo *troumatisme* faz um jogo de palavras, associando o trauma a um furo no real (*trou* = furo). Esse real do trauma, irreparável, se espalha por todos os espaços do corpo e da vida do sujeito.

Temos duas histórias, a princípio, paralelas, mas que adiante se entrelaçam. A história da menina Sarah e sua família, que tem início em 1942 e a da jornalista Júlia em 2009.

Júlia deve escrever um artigo sobre o Velódromo, no aniversário de sessenta anos de sua extinção. Jornalistas jovens desconheciam a existência dessa

construção desportiva, muito menos o seu significado para o país. Júlia, em busca da história, descobre-a entrelaçada à sua história. Quer saber mais. O apartamento no qual está prestes a morar, no Marais, pertencente aos pais do marido, foi um dos imóveis de judeus mortos em campos de concentração. A operação era rápida. A família Starzynski foi retirada em julho de 1942 e em agosto do mesmo ano, cerca de um mês, a família Tezac adquire o imóvel. Júlia consegue informações: o nome das pessoas que moravam na casa. O registro da morte dos dois adultos, mas nada sobre as crianças. Nomes e fotos. Simbólico e imaginário fazem nós com o real do extermínio. Na busca de respostas, acessa documentos que lhe revelam o melhor e o pior do ser humano.

Na tentativa de encontrar Sarah, quando ainda não sabia de seu destino, consegue uma entrevista com seu filho, já um homem de cinquenta anos. Ele desconhece grande parte do seu passado. Ele o renega. Sua mãe o guardou, o fechou (chaves servem para fechar), e manteve em segredo o que era muito perigoso, ameaçador e doloroso. Toda aquela história contada pela jornalista não fazia sentido para o homem. Ele vai embora. Em seguida, o seu pai, o marido de Sarah, lhe conta como conheceu sua mãe, tão linda e tão triste, dando-lhe cadernos, diários que guardava desde menina. E, também a chave. A história é revelada. Mais adiante, outro encontro com a jornalista. O segredo revelado, a história contada, colocam o sujeito em outro ponto. O real que provoca horror, angústia indizível, é enfim recoberto com palavras, com o simbólico.

Júlia, quando já tinha praticamente perdido as esperanças, se descobre grávida. Sua alegria não é compartilhada pelo marido que pede que interrompa a gravidez. Vida e morte. Faz a opção pela vida, pelo seu desejo. Nasce uma menina. Sarah.

Concluindo

Na tragédia reside a impossibilidade do bem. Qualquer que seja o desfecho, o resultado é sofrimento e morte.

Na guerra, atos violentos são legitimados por um estado de direito – relação com nossa herança da violência fundadora. Humilhações, atentados imaginários ou reais contra a dignidade, intolerância à alteridade.

As guerras e holocaustos são muitos: Auschwitz, Hiroshima, Vietnam, Bósnia, Kosovo, Irlanda, Ruanda, Armênia, Afeganistão, Iraque, ... recentemente Rússia e Ucrânia. Eles são agravados pelo despojamento das vítimas de

seu passado, de sua existência. Daí a importância de dar voz aos sobreviventes, retirando-os da escuridão, do esquecimento.

O processo da psicanálise procura instaurar um antes e um depois do horror, buscando a constituição de bordas e amarrações.

Abril de 2023

Maria Lúcia Fradinho
mlfradinho@yahoo.com.br
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

BROUSSE, M.-H. *La psychanalyse à l'épreuve de la guerre*. Paris: Berg International. Ecole de la cause freudienne (AMP), 2015.

_____. *Violencia en la cultura. Bitácora lacaniana*, Buenos Aires, Grama Ediciones, número extraordinário, p. 9-20, abril 2017.

COHEN, D. *A fuga de Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Record LTDA, 2009.

FREUD, S. (1913). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

_____. (1915). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

_____. (1929). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

_____. (1920). *Mais além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. (1917[1915]). *Luto e melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. (1921). *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 15).

_____. (1932). *Por que a guerra?* Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

_____. *Freud - Lou Andreas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Coleção Psicologia Psicanalítica).

LACAN, J. (1958). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MILLER, J.-A. Jacques Lacan: observações sobre o seu conceito de passagem ao ato. *Opção Lacaniana on-line*, ano 5, n. 13, 2014.